

AUDIOVISUAIS E ENSINO DE HISTÓRIA: PANORAMA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA ONLINE¹

Vitória Azevedo da Fonseca

Doutora em História

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

vitoria.azevedo@gmail.com

Resumo

Neste texto apresentamos resultados preliminares de projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri que visa mapear a produção bibliográfica, em sentido amplo, que pode estar inserida na interface cinema, história e educação, mais especificamente, cinema e ensino de história. O texto está dividido em duas partes, sendo a primeira uma apresentação de referências presentes em manuais voltados para os professores, e a segunda uma análise dos dados preliminares que indicam uma predominância de relatos de práticas docentes de usos de audiovisuais no ensino de história.

Palavras-chave: Audiovisual. Ensino de História. Produção bibliográfica.

Introdução: a prática dos manuais

Pensar cinema e ensino de história no Brasil não pode prescindir de referências ao trabalho pioneiro de Jean Claude Bernardet e Alcides Freire Ramos, na contemporaneidade. Os autores, no pequeno livro intitulado “Cinema e História do Brasil”, trazem reflexões fundamentais que necessitam ser problematizadas e situadas historicamente pois influenciam, nos dias de hoje, as interfaces entre Cinema e Ensino de História nos trabalhos acadêmicos.

Os autores fazem referência ao que chamam de “filme histórico naturalista”, ao qual tecem diversas críticas pois o mesmo reproduziria mecanismos de simplificação da abordagem histórica que levaria a uma leitura única, sem problematização, do passado. Essa simplificação, seria construída através da adoção da estética “naturalista” que busca o ocultamento da linguagem cinematográfica. Para eles, existe um “complexo”

¹ Resultados preliminares da pesquisa “História pública, cinema e educação: produção de um conhecimento interdisciplinar” (Bolsa Pibic – UFVJM) cuja primeira etapa consta da análise do mapeamento da produção acadêmica de trabalhos que permeiam a interface entre audiovisuais e ensino de história em bases de dados online. A pesquisa conta com a participação do bolsista de iniciação científica Jorge Junio Gonçalves, graduando em História na UFVJM.

mecanismo “através do qual se impõem tanto a visão histórica quanto a visão estética presentes nos filmes” (BERNARDET, RAMOS, 1988, p.14). Desse complexo mecanismo faria parte, segundo os autores, a “prática do professor em sala de aula” que prepara os estudantes “para aceitar a visão histórica presente em filmes naturalistas” (BERNARDET, RAMOS, 1988, p.14). Os autores associam semelhanças entre os filmes históricos naturalistas e os livros didáticos: em ambos existe o “ocultamento das contradições, das divergências, dos confrontos” (BERNARDET, RAMOS, 1988, p.18)

Desta forma, uso do cinema no ensino de história envolveria, necessariamente, o desnudamento da linguagem cinematográfica para construção da crítica à abordagem apresentada no filme. Para os autores, o filme histórico naturalista impõe “a visão do presente que interessa às pessoas que conceberam e realizaram o filme” (BERNARDET, RAMOS, 1988, p.17). Assim, pensar o cinema no ensino de história a partir do “desnudamento” da linguagem cinematográfica parte da crítica a um tipo de cinema naturalista que busca o apagamento da própria linguagem.

Existe uma longa tradição de debates sobre a questão da linguagem cinematográfica, que envolve, também, a função social da arte como promotora de ações no presente. Não cabe aqui retomar o debate, mas, fazer referências a uma concepção que pode ser situada no tempo. Bertold Brecht, por exemplo, abordava a questão do Efeito-V, o estranhamento do espectador em oposição àquela ficção que leva o espectador a um estado de alienação da própria situação histórica. Neste sentido, os mecanismos que fazem transparecer a linguagem podem levar a uma reflexão do espectador que o retira do estado de letargia e alienação. Por exemplo, no cinema existem formas tradicionais de quebra da ideia de transparência da linguagem, como o efeito de “janela para o real” quando a câmera aparece em cena, por exemplo, lembrando o espectador que se trata de um filme e rompendo com a “mágica” do distanciamento. Ou, quando o personagem olha diretamente para a câmera, denunciando a sua própria presença, e, portanto, rompendo com a ilusão da inexistência de um sujeito que vê. Neste sentido, o trabalho sobre o desnudamento da linguagem pode possibilitar a formação de um espectador crítico que, ao olhar para um filme, enxerga o que está por trás de sua produção, “protegendo-o” da alienação possível que o cinema pode gerar.

Mas, o cinema continua poderoso. E este poder foi identificado por diversos educadores ao longo do tempo que levou a exortações sobre as qualidades e possibilidades do cinema no processo educativo. Referência significativa, por exemplo, a Jônatas Serrano, a criação do INCE (Instituto Nacional do Cinema Educativo), na década de 1930, e debates entre cineastas sobre este poder atestam a inserção do cinema como possível ferramenta de aprendizagem ao longo de décadas.

No entanto, no que diz respeito à questão do cinema e o ensino de História, este requer algumas especificidades, sejam elas da própria disciplina, da relação entre os termos, e, do momento no qual o mesmo é empreendido. Bernardet e Ramos propõem, por exemplo, uma comparação de diversos filmes para incentivar as leituras diversas como forma de compreensão das possibilidades da linguagem cinematográfica. Em seu livro de 1988, no caso de filme de ficção, escolhem filmes sobre Tiradentes. Essa comparação de diferentes imagens sobre um mesmo tema é uma forma interessante de problematizar a história única. Assim, independente da abordagem do filme, e aqui cabe ressaltar a historicidade de qualquer filme, a comparação pode promover o olhar crítico a partir das diferenças entre versões de supostamente a mesma história. Ao propor comparações entre o naturalista *O mártir da independência: Tiradentes*, *Rebelião em Vila Rica*, *Ladrões de Cinema* e *Os inconfidentes*.

Os autores, claramente, fazem um elogio da organização estética do último filme, identificado com o Cinema Novo e crítico da estética naturalista “O filme afasta-se do estilo imposto pela indústria cinematográfica” (BERNARDET, RAMOS, 1988, p.25). Para eles, os recursos linguísticos utilizados pelo filme, “fazem com que o espectador saia de sua cômoda posição passiva e passe a manter com o filme uma relação mais crítica e reflexiva” (1988, p.27). O filme, na análise apresentada, estabelece um debate mais próximo à historiografia sobre a Inconfidência Mineira e a figura de Tiradentes, do que com a história dos livros didáticos que, segundo afirmam, buscam simplificar a abordagem do passado e a criar heróis.

No caso de análise de documentários, os autores alertam para crenças que atribuem a este formato audiovisual uma capacidade de veracidade além das existentes. Em uma parte do texto os autores citam um debate entre professores de história, em 1977, no qual um deles chama a atenção para os aplausos recebidos por Getúlio Vargas, em um

dos cinejornais do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), e outro alerta para a ausência de qualquer imagem que ateste isso, sendo perceptível apenas o som, e, portanto, poderia ser uma montagem. Esse debate aponta para duas questões: a possível crença na transparência do discurso construído em um documentário, tão construído como qualquer outra ficção, e sua necessária desmontagem.

A partir desta oposição, há uma defesa da análise formal também no caso de uso de documentários no processo de ensino e aprendizagem. A análise formal aponta para a análise do audiovisual como fonte histórica, com todas as suas nuances e possibilidades críticas. Os autores, na análise dos documentários, retomam a mesma metodologia proposta para as ficções: análise formal comparativa. Assim, propõem comparações dos documentários *Os anos JK*, *Jânio a 24 Quadros* e *Jango*, chamando a atenção para as semelhanças em suas abordagens: respeito à cronologia e reverência às personalidades do período democrático. Como contraponto, analisam *Cabra marcado para morrer*, indicando que o mesmo se afasta de uma perspectiva historicista, presente nos anteriores. Os autores propõem que este filme, diferente dos outros, objetiva o “resgate do passado oprimido”, ou seja, propõe uma abordagem do passado com ponto de vista, direcionamento e assume o caráter discursivo do mesmo. Assume, segundo os autores, uma concepção de história próxima a de Walter Benjamin que tem o papel ativo na valorização da memória oprimida. Os autores, desta forma, assumem a análise dos filmes buscando compreender as concepções de história, as relações entre passado e presente propostos nas obras.

A ampliação dessa proposta sobre tratamentos possíveis de filmes ficcionais e documentários, no espaço escolar, envolve, necessariamente, a comparação entre diferentes filmes do mesmo tema dependendo, obviamente, da existência desses filmes. Além disso, depende também da possibilidade de exibição de mais de um filme sobre o mesmo assunto. No entanto, também amplia as possibilidades ao comparar as abordagens dos filmes a debates historiográficos. Neste caso, o trabalho em torno da construção estética dos filmes e a linguagem cinematográfica está totalmente atrelada ao processo de interpretação do passado proposta nos filmes. Ou seja, não se trata de desenvolver análises sobre a “linguagem cinematográfica” descolada da proposta de leitura do passado presentes nestes filmes. Assim, poderíamos inverter a ordem, é uma análise da proposta

de leitura do passado que, em sendo um filme, passa por compreender a construção dessa leitura a partir da linguagem utilizada e não a análise da linguagem cinematográfica como um fim em si mesma.

O objetivo, na proposta acima, está em refletir sobre o passado proposto nos audiovisuais e desenvolver criticidade dos estudantes na leitura dos mesmos. Esses objetivos continuam valendo para a atualidade? Em que medida as orientações para usos de audiovisuais no ensino de história são diferentes dessa proposta?

Marcos Napolitano, em seu livro *Como usar cinema na sala de aula*, livro largamente utilizado e citado, tomando como referência o *Google Acadêmico*, apresenta, nas primeiras páginas de seu livro, uma oposição entre forma e conteúdo. Segundo o autor “a maioria das experiências relatadas ainda se prende ao conteúdo das histórias, às ‘fábulas’ em si, e não discute os outros aspectos que compõem a experiência do cinema” (NAPOLITANO, 2004, p.7).

O autor chama a atenção para vários cuidados, desde adequação da escolha de filmes às faixas etárias, problemas técnicos que podem surgir na exibição, dentre outros. Considerando ser uma publicação voltada para o espaço escolar, considerando as diversas disciplinas e segmentos, vamos focar aqui na abordagem que apresenta sobre cinema e ensino de história. É interessante notar que, na apresentação do uso de filmes no ensino de História o autor chama a atenção para “armadilhas” possíveis dos filmes. Por exemplo, para o fato do filme revelar mais sobre seu presente do que o passado, numa referência a Marc Ferro; a questão do anacronismo, ou seja, chamando a atenção para possíveis inadequações nas abordagens dos filmes e, por fim, a questão da “super representação”, ou seja, a característica da representação dramática de envolver o espectador na sua própria narrativa ocultando o seu caráter discursivo. Aspectos interessantes que, no entanto, não aparecem com tanta ênfase na proposta de tratamento de outras áreas de conhecimento. Em relação a elas o autor tende a propor abordagens mais relacionadas aos “conteúdos” das disciplinas. Por exemplo, paisagens para Geografia, processos físicos e biológicos para Ciências, biografias para Artes, adaptações literárias para Português, dentre outras.

Ao citar os Parâmetros Curriculares Nacionais o trecho traz as mesmas preocupações enfatizando a dificuldade do filme em abordar o passado e sua tendência

ao presente. No entanto, o trecho citado dos PCNs apresenta propostas semelhantes às de Bernardet e Ramos no que diz respeito à proposta de comparação de filmes para identificar semelhanças e diferenças e a comparação com a produção do conhecimento histórico, numa ênfase, não na linguagem cinematográfica, mas, na proposta de abordagem do passado apresentada na obra.

Quando o autor faz referência aos filmes sugeridos para o trabalho no ensino de História, traz “dicas” sobre os temas tratados e apresenta perguntas para guiar as interpretações. Apesar das orientações detalhadas do autor, no caso do uso de filmes no ensino de História o que prevalece é a ênfase nos “cuidados” com eles.

Em um artigo, Fonseca (2016) analisa as orientações presentes em livros didáticos sobre a utilização de filmes no ensino de história. Neste caso, afirma, é sintomático que também prevaleça orientações do tipo “use com moderação” e a grande preocupação em não usar os filmes apenas como ilustração, que, supostamente, significaria exibir o filme simplesmente em uma postura pouco crítica em relação ao assistido. Nos manuais analisados, prevalece “a ênfase em direcionar a leitura dos estudantes, seja através da preparação com leituras e pesquisas prévias, seja através de questionários orientadores” (FONSECA, 2016, p.67). É interessante que há pouca valorização das análises comparativas entre as obras audiovisuais e as propostas de leituras do passado presente na historiografia, como indica a obra de Bernardet e Ramos.

Ferreira, no livro *Luz, câmera e História* (2018) inserido na coleção “Práticas docentes” apresenta reflexões e propostas para usos de filmes no ensino de história. O livro é estruturado de forma semelhante ao de Napolitano, com uma parte referente à história do cinema, com a qualidade de fazer referência aos debates sobre cinema brasileiro e cinema educativo, para pensar a “construção” da linguagem cinematográfica; uma segunda parte que enfoca aspectos da linguagem cinematográfica, e, por fim, práticas docentes.

Esses três livros, voltados para propor ações educativas relacionadas ao ensino de História e cinema trazem propostas interessantes. Os dois últimos, construídos mais caracteristicamente como manuais para professores fazem parte de uma gama de publicações de Manuais escolares voltados para a prática docente. Manuais que, nas

últimas décadas, buscam “instaurar uma ordem” (RODRIGUES, GARCIA, 2016, p.372) num processo de quase espelhamento da lógica do campo científico.

Essa lógica do manual para a prática docente, por outro lado, pode ser lida com certa contradição no atual momento de formação de professores de História e da área de pesquisa de Ensino de História. Pois ao mesmo tempo em que podemos observar um crescimento na área de pesquisa sobre ensino de história, com um maior protagonismo dos professores de história da Educação Básica, os manuais escolares, que, numa concepção genérica, partem de uma posição hierárquica da produção de conhecimento funcionam quase como uma negação da prática docente como espaço de pesquisa e produção de saberes.

Saberes dispersos: a prática docente

Tendo em vista essa perspectiva de diálogo de saberes e de valorização da prática docente foi proposta o levantamento apresentado neste texto. Ou seja, refletir sobre os usos de audiovisuais/cinema no ensino de história a partir da prática docente relatada em apresentações orais de eventos acadêmicos, em dissertações, teses e artigos. Além disso, esta proposta busca problematizar algumas premissas perceptíveis nos autores citados acima que procuram, através de seus manuais, em sua lógica própria, instaurar discursos e práticas.

Será realmente possível pensar em “filmes” em sala de aula, no sentido genérico, propondo utilizações genéricas que desconsideram as especificidades dos filmes, dos espaços, dos alunos, dos tempos? Sem desconsiderar a importância dos manuais, como os citados acima, como pontos de partida de reflexões possíveis, pensamos ser fundamental valorizar a prática docente diversa e as complexidades enfrentadas por docentes para pensar efetividades, limites e possibilidades dos filmes no ensino de História.

Assim, como ponto de partida para refletir sobre a complexidade dos usos de audiovisuais no espaço escolar, propomos um levantamento bibliográfico para mapear o que tem sido feito, e relatado, em diferentes espaços escolares. A pesquisa, a partir da qual construímos os resultados parciais apresentados neste texto, procura trazer este

mapeamento de pesquisas desenvolvidas que articulam cinema/audiovisuais e ensino de História. Assim, questionamos: as diferentes práticas docentes poderiam gerar resultados de pesquisas e espaços de reflexão sobre as problemáticas propostas, através de diálogos que compõem a construção do conhecimento científico?

Cinema e História tornou-se, e vem se consolidando, como um campo de estudos que integra pesquisadores de ambas as áreas, com abordagens variadas, que partem de preocupações historiográficas e/ou estéticas, propondo relações variadas entre os termos.

Nas pesquisas sobre Cinema e História, podemos considerar a divisão proposta por Robert Rosenstone, que situa em polos opostos os trabalhos de pesquisa que consideram importante a relação entre filme e texto, e aqueles que valorizam apenas o filme em si. Ou seja, historiadores que enfocam nos processos de construção de interpretações do passado, considerando a produção historiográfica, e, aqueles que, em geral, não são historiadores, que pensam a relação a partir da análise estética dos filmes.

..en un extremo sitúo aquellas obras para las que la relación entre estas películas y la historia escrita es importante; en el otro, aquellas para las que no lo es. Quisiera hacer hincapié en esta idea explicándola de otro modo: el estudio de la película histórica abarca desde académicos interesados en si puede existir lo que Marc Ferro denominó "una escritura cinematográfica del pasado hasta aquellos para los que escribir el pasado es una cuestión menos importante que aquello que las películas históricas dicen del desarrollo de un género, o cómo reflejan y qué observaciones se hacen de los tiempos en que fueron producidas, o cómo plasman mitos nacionales o culturales, creencias e ideologías, o cómo modulan un campo de estudio en particular." (ROSENSTONE, 2014, p.35)

Há também aquelas pesquisas que, pensando nos “potenciais pedagógicos” do cinema, e, mais recentemente, dos audiovisuais, desenvolvem reflexões a respeito, tanto no âmbito do “Ensino de História”, em departamentos de História quanto em departamentos de Educação. Os filmes/cinemas/audiovisuais encantam professores pelas possibilidades educacionais e/ou interesses pessoais, que são, muitas vezes, convertidos em pesquisas acadêmicas. Por outro lado, as problemáticas trazidas pelo uso de filmes em espaços escolares remetem a um outro “campo” de reflexões, intitulado “Cinema e Educação”, com suas temáticas, questões e embates próprios. Desta forma, refletir sobre audiovisuais (em sentido amplo) e ensino de História, leva a diversas possibilidades de abordagens que podem agregar reflexões sobre “Cinema e História”, “Cinema e

Educação” e, também, sobre usos de “recursos didáticos” em espaços escolares. Diante de uma gama de possibilidades, é possível observar uma pulverização de trabalhos e referências teóricas, cujo mapeamento é proposta deste trabalho, objetivando a reflexão sobre diálogos possíveis. Pensando no professor como pesquisador e o enfrentamento de desafios do espaço escolar a partir dos debates advindos da reflexão prática, este trabalho busca o mapeamento da produção bibliográfica em torno da tríade cinema, história, educação.

A partir de uma metodologia de levantamento bibliográfico, apresentamos dados da produção acadêmica em teses, dissertações, artigos, monografias e livros, identificada *online* no Google Acadêmico e Base de dados da Capes, numa produção que vai desde 1993 a 2016 (Figura 1). A produção foi classificada, a partir, inicialmente da leitura de seus respectivos resumos, em categorias genericamente divididas em: relato de prática (usos de filmes em aulas de história); propostas de usos (*idem*); análise de filmes; reflexões teóricas e balanços bibliográficos.(Figura 2) Nesta primeira classificação é evidente a grande quantidade de artigos, e, mais especificamente, os publicados em Anais de Eventos, o que indicam um determinado perfil de abordagem.(Figura 3).

A escolha inicial do *Google Acadêmico* surgiu da perspectiva da facilidade de acesso a essa produção por aqueles professores que pretendem desenvolver trabalhos sobre a temática. Ou seja, com o objetivo de identificar os materiais virtualmente disponíveis para quem fosse iniciar seus estudos, ou realizar levantamentos bibliográficos iniciais, essa “plataforma”, como levantamento inicial, pareceu mais adequada. Em função dessa escolha, a primeira data do levantamento é 1993 em função do trabalho disponível online mais antigo encontrado.

Os termos usados no levantamento foram “cinema” “educação” “história” inicialmente e depois refeito o levantamento com os termos “audiovisuais” “ensino de história”, cobrindo possíveis lacunas do levantamento inicial. As referências encontradas que não puderam ser classificadas como trabalhos acadêmicos (dissertações, teses, artigos acadêmicos, TCCs, apresentações orais) foram descartadas. Após a consulta ao Google Acadêmico, a consulta foi feita no banco de teses e dissertações da Capes, utilizando os mesmos critérios acima.

Esse levantamento foi organizado em uma tabela excel, classificados em colunas nas quais foram inseridas, a princípio, informações de autor, nº de citações no Google Acadêmico, título, abordagem (análise de filme, proposta de uso, relato de prática, balanço bibliográfico, etc), um breve resumo, tipo (artigo, dissertação, tese, Anais, TCC, livros), ano, local de publicação, instituição do autor no período da publicação. A partir dessas informações, que estão sendo complementadas na medida em que as referências levantadas vão sendo trabalhadas de maneira mais detalhada, foi possível montar os gráficos abaixo.

Nesse primeiro mapeamento, com características quantitativas, podemos fazer uma análise geral da produção acadêmica encontrada.

Tabela 1 – Número de publicações na interface cinema, educação e história (1993-2016)

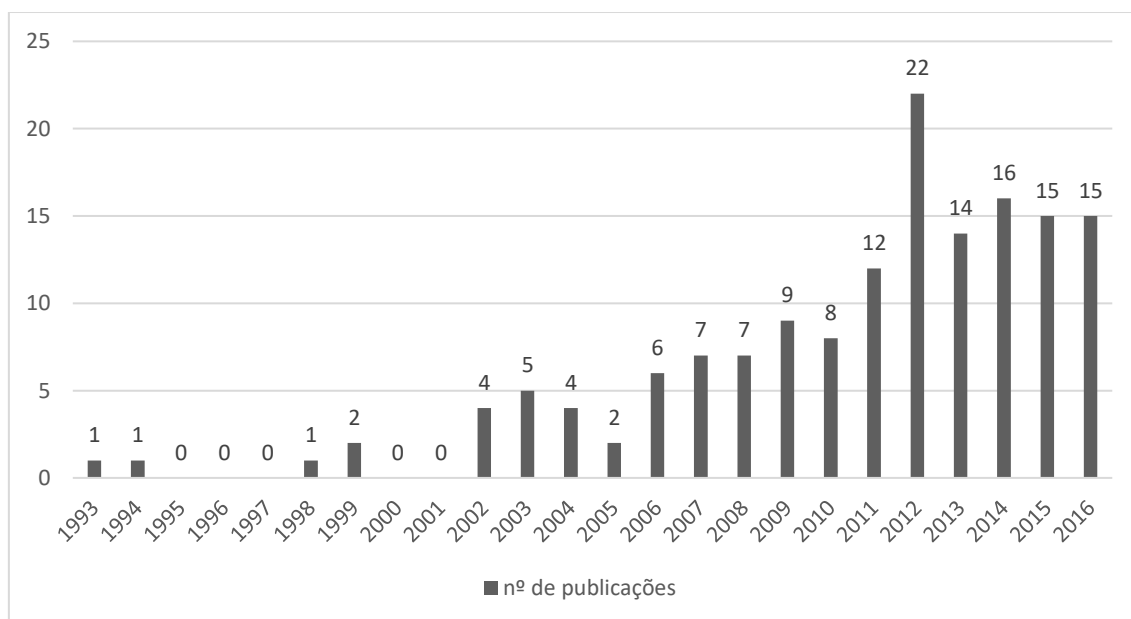


Tabela 1 - Levantamento de número de publicações no Google Acadêmico e no Banco de dissertações e teses da Capes. Fonte: elaboração própria. 2019

A Tabela 1 indica um crescente número de trabalhos que tematizam as relações entre cinema, história e educação, com destaque para o ano de 2012, quando quase dobrou a produção em relação ao ano anterior. Curiosamente, este ano marca o início do Programa de Mestrado Profissional ProfHistória, que, na hipótese deste trabalho,

contribui para o aumento das reflexões sobre as práticas docentes, e, portanto, dos trabalhos que relacionam cinema e ensino de história.

Tabela 2 – Tipos de publicações na interface cinema, educação e história.

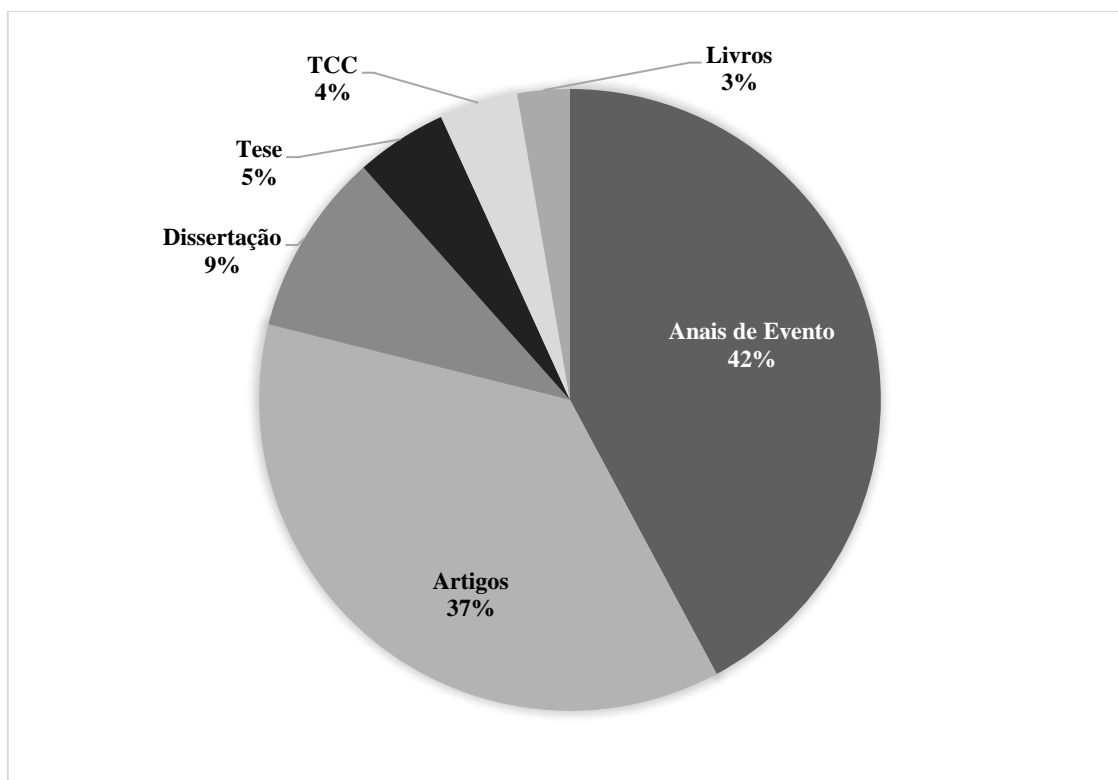


Tabela 2 - Tipos de publicações entre teses, dissertações, TCCs, artigos de periódicos, artigos em Anais de Eventos e livros. Fonte: Elaboração própria, 2019.

A Tabela 2, que traz a tipologia dos trabalhos encontrados, estabelecida a partir do perfil dos próprios trabalhos, mostra a maior parte da produção (79%) é de artigos, sejam eles publicados em Anais de Eventos, ou em periódicos. Chama a atenção, no entanto, que dentre estes, 42% da produção encontrada online sejam de trabalhos publicados em Anais de Evento, configurando, desta forma, apresentações orais.

Aliado a este resultado, na Tabela 3 podemos observar os tipos de abordagens apresentadas pelos trabalhos encontrados. A partir dos mesmos, foram criadas as classificações que se apresentam (em fase de aprimoramento), dentre as quais: trabalhos que apresentam apenas discussões teóricas sobre uso de cinema no ensino de história; trabalhos que trazem análises de filmes; trabalhos que apresentam apenas balanços bibliográficos; trabalhos que foram identificados como propostas (genéricas) de uso de

audiovisuais/cinema no ensino de história; trabalhos que configuram-se como uma composição entre balanço bibliográfico, análise de filmes e propostas de usos; e, por fim, trabalhos que foram construídos a partir de relatos de práticas realizadas em espaços escolares e não escolares.

Tabela 3 – Tipos de abordagens dos trabalhos publicados na interface cinema, história e educação

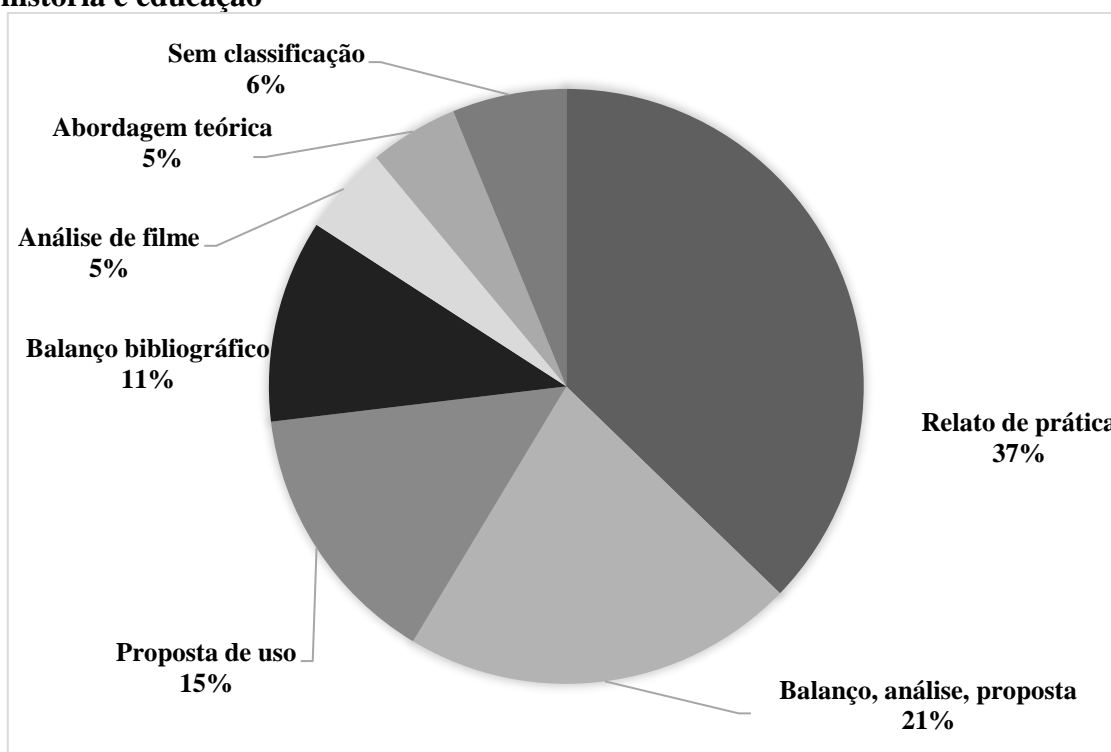


Tabela 3 - Classificação em tipos de abordagens dos trabalhos na interface cinema, história, educação. Fonte: Elaboração própria, 2019.

É interessante observar que uma porcentagem muito pequena dos trabalhos que se situam na interface cinema, história e educação focam na análise de filmes. Algo que é bastante diferente se considerarmos os trabalhos na interface Cinema e História, cujas ênfases recaem sobre análises fílmicas. Por outro lado, a dimensão da prática aparece, de alguma maneira, em 73% dos trabalhos, se consideramos as propostas de uso, os relatos de prática, e os trabalhos que trazem balanços, análises e relatos. De qualquer forma, os relatos de práticas aparecem em 37% dos trabalhos, em torno de 55 referências.

Estes relatos, seja pela sua preponderância no levantamento realizado, seja pela hipótese de que, através deles haja um maior envolvimento dos professores da Educação

Básica, se tornam foco de maior detalhamento deste trabalho. Consideramos fundamental selecionar os relatos de práticas para uma análise qualitativa.

Outro aspecto relevante apresentado na Tabela 3 está relacionado à contraposição entre a dimensão prática das reflexões e os debates de referenciais teóricos. De certa forma, a Tabela 4, nas indicações da falta de diálogos entre os trabalhos, pode ser lida a partir da problemática em torno da oposição entre teoria e prática. Esses aspectos poderão ser melhor analisados a partir da próxima etapa da pesquisa quando serão enfocados cada relato a partir da elaboração de fichas de leituras com identificação dos filmes citados, metodologias utilizadas, segmentos direcionados, e referenciais teóricos. Desta forma, será possível uma análise qualitativa mais acurada das práticas desenvolvidas em espaços escolares, e não escolares.

Tabela 4 – Número de citações dos trabalhos identificados no Google Acadêmico, até 2018

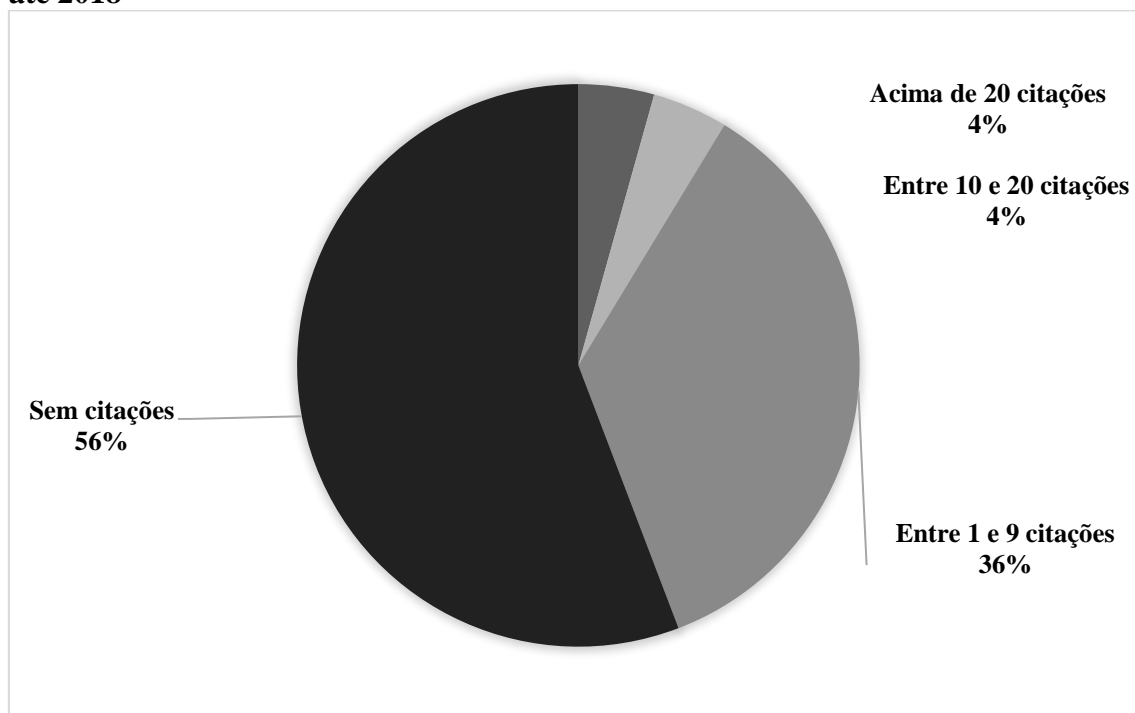


Tabela 4 - Tabela elaborada a partir do número de citações encontradas por referencia no Google Acadêmico, até 2018. Fonte: Elaboração própria, 2019.

A Tabela 4, desenvolvida como ferramenta para analisar possíveis diálogos entre os trabalhos encontrados, nos indica, pelo contrário, um grande número de trabalhos (56%), que não são referenciados e uma porcentagem menor que tem um número mediano

de citações. Ou seja, 4% dos trabalhos apresentou acima de 20 citações; 4% entre 10 e 20 citações; 36% entre 1 e 9 citações; e, por fim, 56% dos trabalhos sem nenhuma citação. Vale ressaltar que o livro de Marcos Napolitano, *Como usar o cinema na sala de aula*, teve acima de 700 citações, o que, evidentemente, está fora do conjunto de trabalhos identificados neste levantamento.

Considerações finais

A partir das análises iniciais, podemos mapear e indicar a existência de um grande número de trabalhos que se situam na interface entre Cinema, História e Educação, mais especificamente, cinema e ensino de história. Isso indica a importância crescente dada ao tema, no entanto, numa análise preliminar, é possível perceber a dispersão dessa produção sem eixos temáticos comuns, referências e debates, o que, de certa forma, pode inviabilizar a construção de um conhecimento compartilhado tendo como base a prática docente. Por outro lado, consideramos fundamental este tipo de levantamento bibliográfico, identificando possíveis eixos para diálogos e valorizando, desta forma, o conhecimento produzido a partir da prática docente.

Referências Bibliográficas

- BERNARDET, J.C., RAMOS, A.F. **Cinema e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- FERREIRA, R. **Luz, câmera e história**. práticas de ensino com cinema. Editora Autêntica, 2018
- FONSECA, V.A. Filmes no ensino de história na visão dos livros didáticos: “use com moderação”. **Revista Labirinto**, v. 24, n. 2, p. 57-70, 2016
- FONSECA, V.A. “Audiovisuais e ensino de história nos limites entre documentos e recursos didáticos”. **Anais do XXIV Encontro Estadual da ANPUH- Seção São Paulo**, São Paulo, 2018. NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2003
- RODRIGUES JR, O. GARCIA, T.B. “O ‘jogo de referências’ em Manuais de Didática da História no Brasil (1997-2013)”. **Revista Labirinto**. Ano XVI, vol.24, n.2, 2016, pp. 357-376
- ROSENSTONE, R. “La película histórica como campo, como modo de pensamiento (historiar) y un montón de malas jugadas que les hacemos a los Muertos” in: MONTÓN, A.L.H., GOMEZ, G.C. Gómez **Hacer historia con imágenes**, (coords). Editorial Síntesis. Madrid, 2014.